

Foto: Acervo do Programa de Formação Continuada em Educação, Saúde e Cultura Populares



II Encontro Nacional de Educação, Saúde e Cultura Populares (II ENESCPOP)  
Atividade Cultural dos Indígenas  
(15 a 17 de junho de 2006)

# A experiência indígena retratando a luta pela preservação cultural através da educação

Simone de Loiola Ferreira<sup>1</sup>

## Resumo

Este relato de experiência sobre uma das etnias da Reserva do Xingu - os Kamayura - permite que o leitor saiba como é o cotidiano do índio, que inclui muito trabalho à subsistência; ocasiões festivas em que realizam rituais considerados sagrados e de fundamental importância para a preservação de suas tradições e a visitação de turistas, algo que, de tão procurado hoje por pessoas do mundo inteiro, se transformou num audacioso Projeto de Eco-Turismo. Através de uma pesquisa empírica com registros de diários de campo, entrevistas com o cacique da tribo, foi possível abstrair como este povo tem sobrevivido às influências do “não-índio” e que, conscientes da ameaça de sua extinção cultural e não genética, elaboraram um interessante Projeto de Educação que busca ao mesmo tempo resgatar os hábitos mais tradicionais da tribo e instruir seus jovens sobre as diferenças dos costumes “não-indígenas”.

## Palavras-chave

Reserva do Xingu. Kamayura. Índio. Educação indígena. Eco-turismo.

**1.** Licenciada em Sociologia e Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Uberlândia.  
E-mail: sferreira77@gmail.com

# The native brazilian experience portraying the struggle for cultural preservation through education

Simone de Loiola Ferreira\*

## Abstract

This report of the experience about one of Xingu's Reserves ethnic groups - the Kamayura - allows the reader to know what is the Native Brazilian's daily life, which includes hard work for the subsistence; festive occasions when they perform both considered sacred rituals and of great importance to the preservation of their traditions and the tourist's visitation, something so sought by people from all over the world, that became an audacious Project of Eco-Tourism. Through an empirical research with registers of daily notes, interviews with the tribe's chieftain, it was possible to abstract how this people have survived the "non Native" influences and that, conscientious of the cultural extinction threat, they had elaborated an interesting Project of Education that seeks to rescue the most traditional tribe habits and, at the same time, to show the differences of the "non native" customs to instruct their children.

## Key words

Xingu Reserve. Kamayura. Native Brazilian. Native brazilian education. Eco-tourism.

\* Bachelor's degree in Social Sciences from Universidade Federal de Uberlândia.  
E-mail: sferreira77@gmail.com

## Introdução

Kamayura é uma das quatorze etnias indígenas localizadas no Parque Nacional do Xingu, município de Canarana - MT, Brasil. Hoje, conta em média com trezentos e cinquenta índios que lutam para manter as suas tradições que, cada vez mais, são influenciadas pelos costumes do “não índio”<sup>2</sup>. A experiência relatada ocorreu no período de 22 a 31 de Outubro de 2005, em que houve convivência e interação junto aos índios em suas atividades cotidianas dentro da aldeia.

Desta forma, ao interagir no dia a dia com os índios, realizou-se diário de campo, entrevistas diretas com o cacique da tribo – Kotoque e registro fotográfico a fim de documentar sua rotina<sup>3</sup>.

As questões norteadoras desta experiência foram: *“Como estão vivendo os índios brasileiros que foram confinados em uma reserva ao longo do desenvolvimento das sociedades ‘não-indígenas’ e como se têm mantido suas tradições apesar das influências de tais sociedades?”*

### A caminho da Reserva do Xingu

A reserva do Xingu pertence ao município de Canarana de onde se deve partir em direção às tribos. Localizada ao Nordeste do Estado do Mato Grosso (WIKIPEDIA, 2004), sedia a FUNASA - Fundação Nacional de Saúde - órgão responsável por assessorar a população indígena daquela região. De acordo com o IBGE (2004), a reserva possui em média 22.000 habitantes e é predominantemente povoada por brancos que migraram do Sul do país para cultivar a soja e o gado em solo mato-grossense.

Para se chegar às tribos xinguanas, é preciso obter autorização no escritório da FUNASA. A partir de então, deve-se fretar um jipe que

guiará o visitante por quatro horas mata adentro até às margens do Rio Culuene, onde a viagem passa a ser de barco ou voadeiras (barcos motorizados), que descerão o rio em direção à tribo escolhida pelo visitante. Neste caso, em que se visitava a tribo Kamayura, a viagem demorou sete horas ao longo do rio até chegar ao Posto Leonardo, que é um posto de saúde e ao mesmo tempo um porto para se ter acesso à tribo. De lá, prossegue-se por mais trinta minutos de caminhão para chegar ao destino final: tribo Kamayura. Ao todo foram vinte e nove horas de viagem desde o ponto de partida, que foi a cidade de Uberlândia-MG.

Apesar de ser uma longa viagem, é extremamente agradável a paisagem desfrutada a partir de Canarana, da Floresta Amazônica, a diversidade da fauna que inclui tamanduás-bandeira, capivaras, garças, periquitos, papagaios, araras, pássaros e borboletas coloridas, jacarés, tartarugas, macacos, cobras sucuris, dentre outros animais. Mas, infelizmente, pode-se também presenciar a derrubada da mata em prol do cultivo da soja. Com isso, o calor no local é insuportável e já causa grande desequilíbrio ambiental, como o aumento das nuvens de inseto.

### A rotina e o ambiente da tribo

Já dentro da tribo, o que foi notável no primeiro momento foi a maneira como os nativos recebem os visitantes, com abraços, dança de boas vindas e demonstração de muita alegria. Coincidiu que no dia de chegada à aldeia, em 22 de Outubro de 2005, às 18h, os índios estavam em festa comemorando a safra do piqui. Tinham então os seus corpos pintados por óleo deste fruto. Os homens usavam cintos feitos de miçangas em cores azuis, verdes, vermelhas ou

**2.** Termo utilizado para designar aqueles fora das tribos e costumes indígenas (MERLAU-PONTY, 1984).

**3.** Metodologia científica em que se utiliza a experiência e a convivência com o objeto estudado para obter uma conclusão mais próxima possível da realidade (LAPLANTINE, 1988).

amarelas envolvidos na cintura. Alguns tinham as pernas, o tórax, o pescoço e os cabelos coloridos por urucum<sup>4</sup> e desenhos em cor preta extraída do carvão. As mulheres também usavam cintos envolvidos na cintura, mas os delas são feitos de um material retirado de solos imersos dos lagos da região. Elas tinham apenas as pernas pintadas por desenhos feitos da tinta extraída do carvão. Usavam colares em cor azul, verde ou amarelo, além dos colares feitos em cascas de caramujos retirados de lagoas e rios. Estes são considerados a jóia mais valiosa pelos índios. Suas testas tinham uma pintura em vermelho feita por urucum e uma pequena estampa feita em tinta de carvão.

Após o primeiro contato, os indígenas iniciaram uma atividade chamada “moytará”<sup>5</sup>, que é o ritual de troca de presentes (o “não-índio” que os visita deve mostrar o que trouxe - sabonetes, xampus, roupas e miçangas compradas na cidade - a fim de trocar por artesanatos feitos pelos índios). Após esse ritual, as crianças ofereceram um banho natural na lagoa ao redor da aldeia, que tem água cristalina e morna a qualquer hora do dia, sendo um local muito bonito e agradável.

Ao voltar para a oca de hospedagem, onde reside o cacique, as redes e os pertences dos visitantes já estão organizados para acomodação. O momento do jantar foi anunciado. Todos se alimentaram e em seguida sentaram-se ao redor da televisão<sup>6</sup> para assistir a novela das 21 horas exibida na rede Globo – na época, América. Após a novela, o gerador de energia é desligado e todos devem se recolher e dormir.

As atividades do dia seguinte, 23 de Outubro, começaram bem cedo, às 05h30min da manhã. Os pássaros como araras, papagaios, periquitos, gavião, que também dormem dentro

dasocas, começam a cantar; os índios se levantam e vão para a lagoa se banhar, dando uma alegre saudação ao alvorecer. Neste momento não é permitida a presença do “não-índio”.

A aldeia como um todo tem quatorze ocas posicionadas em círculo ao redor de uma oca - o centro sagrado -, onde o acesso é permitido apenas aos homens da tribo. Na oca é guardada a flauta sagrada “Jakuí”, a qual, segundo a lenda, não pode ser vista por olhos femininos.

As ocas e a oca são feitas de plantas retiradas da natureza e construídas pelos próprios índios. As famílias, parentes entre si, vivem comunitariamente nas ocas. Por exemplo, o cacique que pode ter o número de esposas que quiser, vive com as mesmas (ele tem três) e todos os filhos em uma só oca. Algumas de suas filhas já se casaram e vivem todos juntos com os netos na mesma oca. Já os filhos que se casam, de acordo com a tradição, se mudam para a casa de seus sogros. Sendo assim, na oca do cacique vivem em média vinte pessoas.

O interior das ocas, que também é circular, é escuro por não haver janelas, apenas duas portas, sendo uma de cada lado da diagonal. Entretanto não é quente, pois o material da construção, que é natural, ajuda a manter a temperatura bem amena no ambiente.

O fogo em que os alimentos são cozidos e assados é mantido aceso pelas mulheres o dia todo dentro das ocas, bem como o estoque de água potável.

Os índios dessa tribo se alimentam de biju<sup>7</sup>, peixe assado, mingau de piqui, quando há safras de banana, mamão, melancia e caju na própria aldeia, contam com estes frutos também. Vez ou outra eles saem à caça de animais silvestres como macaco-prego, anta e aves. Isso é reservado às ocasiões de festas.

4. Fruto do urucuzeiro, de cuja polpa se extrai um corante vermelho (colorau).

5. Ver sobre rituais de troca entre aborígenes em “Ensaio sobre a Dádiva” (MAUSS, 1974).

6. A televisão, segundo informações do cacique da tribo, Kotoque, foi doada pela rede Globo, assim como os geradores de energia tocado a gasolina, que são ligados apenas à noite, instalados pela emissora como forma de pagamento aos índios por permitir a gravação de seus programas (Fantástico, Globo Repórter e outros) na tribo.

7. Alimento feito da mistura de mandioca ralada e água; assado em chapa quente. É considerado o pão do índio.

Dessa forma, a rotina dos homens, mulheres, crianças, adultos e idosos é de bastante trabalho. Após o ritual de banho ao alvorecer, as tarefas são divididas entre o trabalho na roça, cultivando mandioca e outras plantações, pescaria ou caça, retornando para as ocas por volta das 10 horas da manhã. Em seguida, vão se banhar novamente, seguindo então em busca de lenha e água para trabalhar na fabricação do biju e do mingau de piki. Voltam, banham-se outra vez para preparar os alimentos da primeira refeição do dia, que ocorre em média às 13 horas.

Ao longo da tarde, as mulheres fazem artesanatos como pulseiras, colares, cintos de miçangas e caramujos, tecem redes, cestos e fabricam painéis de barro. Os homens, por vezes, voltam para a roça ou permanecem em casa fazendo artesanatos também, como bancos de madeira, kokar<sup>8</sup> e instrumentos de caça e pesca.

As crianças, quando não estão brincando na lagoa ou nas árvores, estão também trabalhando na fabricação de artesanatos, como pulseiras e colares.

Ao final da tarde, novamente, todos se banham e brincam juntos na lagoa; voltam para as ocas; reunidos, jantam e assistem à novela das 21h da Rede Globo. Durante a novela, eles sempre conversam muito, fazendo comparativos entre suas vidas e a do “não-índio”.

### **As festas e os rituais sagrados**

Dia 24 de Outubro, terceiro dia de aldeia e dia de festa para os índios. Eles então se levantaram bem cedo como de costume, se banharam na lagoa e pintaram os seus corpos para a festa. Era a festa do piqui.

Eles convidam os visitantes para se pintar, assim como eles, e participar da festa. Os homens seguiram primeiro as mulheres para o centro da aldeia. Dois

deles tocaram tambores e os demais dançaram em círculo ao seu redor, cantando e imitando o som e os gestos dos pássaros. Era a dança do papagaio.

Após um tempo, as mulheres se encaminharam em direção aos homens, formando um círculo ao redor do círculo deles, a espera que as buscassem para incluí-las em seu círculo. Até que se incluíram todas as mulheres e formou um único círculo com homens e mulheres dançando lado a lado uns dos outros. Não há separação entre faixa etária, crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos manifestam juntos suas crenças. Esse ritual se estende ao longo de todo o dia.

Por volta das 17 horas, os homens começaram a tocar a flauta sagrada - Jakuí -, proibida aos olhos femininos. Sendo assim, as mulheres tiveram que correr para dentro das ocas, fechar as portas e tampar todas as frestas que pudessem dar visão àquele ritual. Caso uma mulher se atreva a sair da oca durante esse momento ou olhe entre as frestas, ela é tomada para o centro da aldeia e estuprada por todos os homens da tribo até chegar ao óbito. Essa é a punição para a mulher que desobedecer tal tradição. Visitas femininas como as de médicas, enfermeiras e turistas também não podem acontecer durante o ritual, pois, se assim o fizerem, sofrerão das mesmas punições.

De acordo com informações do cacique da aldeia, três mulheres já foram mortas por desobedecerem a tradição. Ele ainda diz que, antigamente, este ritual era realizado pelas mulheres. A flauta era feita, olhada e tocada somente por elas, e o homem que se atrevesse a olhar para a flauta era violentado até a morte. Mas, com o passar dos tempos, Kotoque diz que os homens conseguiram tomar o poder; agora a flauta é proibida aos olhos femininos, e elas serão punidas caso desobedeçam a tradição.

Os homens só pararam de tocar a flauta no dia 26 de Outubro às 6h, ou seja, as mulheres ficaram trancafiadas por 36 horas, sem poder

**8.** Enfeite utilizado na cabeça de homens somente em dia de festa, devendo ser fabricado apenas por homens. É feito de penas de aves e barbantes.

sair para tomar banho na lagoa, trabalhar e nem caminhar pela aldeia. Entretanto, em meio a essas 36 horas presas, aconteceram outros rituais bastante engraçados, como por exemplo, em alguns momentos, era permitido que as mulheres xingassem os homens, e eles retribuíssem com xingo também, ou simplesmente com gargalhadas. No entanto, há algumas regras, mulheres não podem xingar seus maridos, assim como homens não podem xingar suas respectivas esposas. Fora isso, tudo é permitido, todos os palavrões e insultos são verbalizados. Todos riem muito com a brincadeira. O ritual, segundo Kotoque, é um momento em que homens e mulheres podem verbalizar as suas diferenças, algo que ameniza os conflitos no dia a dia.

### **O Projeto de Educação**

Os índios Kamayura desfrutam, desde Abril de 2001, de um projeto de educação criado por eles mesmos e que tem como objetivos gerais:

- preservar e resgatar a cultura indígena da etnia Kamayura, sendo assim, mesmo com todas as influências externas dos “não-índios”, ela se manterá sólida, unida e com a identidade preservada;
- capacitar jovens e crianças no uso dos conhecimentos “não-indígenas”, como o domínio da Língua Portuguesa e leis civis que regem a sociedade brasileira, para que possam se interar de seus direitos e deveres como cidadãos;
- estimular a produção e o trabalho dos artesanatos próprios de suas culturas e de outras;
- auxiliar a comunidade na conquista de bens materiais, instruindo a população indígena a negociar seus produtos e a adquirir outros que os auxiliarão no trabalho cotidiano;
- dar meios à Associação Mavutsinin para assistir a comunidade. Essa associação foi criada pelos artesões indígenas e que

tem por objetivo principal arrecadar fundos para sustentar a comunidade com a produção e venda de artesanatos. Entretanto, os indígenas precisam de maiores recursos para mantê-la em funcionamento, progredindo e trazendo lucros aos mesmos.

O currículo da escola se fundamenta em contar histórias sobre a mitologia Kamayura; ensinar lutas, músicas, pintura corporal, língua portuguesa, matemática, língua tupi-guarani, geografia e história.

Além disso, deve-se propiciar o diálogo entre velhos, jovens e crianças de maneira que os mais velhos passem as suas experiências vividas aos mais novos e estes cultivem as tradições indígenas ao longo dos tempos, sem perdê-las devido às influências de outras sociedades as quais têm contato.

Há também aulas de como os índios devem “negociar” os seus artesanatos no chamado ritual de troca: moytará. Devem ter noções a respeito dos materiais de consumo e de produção por artesanato e/ou serviços prestados à escola, e como devem vender os seus artesanatos aos turistas que os visitam na aldeia.

Quanto ao espaço físico que a escola ocupa, são sessenta metros de comprimento e trinta metros de largura, sendo duas salas e um depósito.

A escola atende a um total de oitenta e quatro alunos (52 crianças e 32 adolescentes). O corpo docente é composto por um professor de canto; um professor de pintura corporal; dois professores de instrumento musical (flauta); cinco professores de língua; um professor de matemática; um professor de geografia; um professor de história; um professor de luta e um contador de histórias. Ainda há os profissionais de apoio: duas merendeiras; um supervisor; um coordenador geral; dois agentes de negócios e um piloto de motor de polpa. Todos os membros da comunidade são artesãos e estão aptos a ensinar e repassar os seus conhecimen-

tos aos mais jovens e/ou iniciantes nessa arte.

A grade horária desta escola se divide da seguinte maneira: semanalmente, há cinco aulas de histórias; duas aulas de flauta; duas aulas de canto e duas aulas de pinturas corporais. Já as aulas de português, matemática, história e geografia são alternadas semanalmente devido ao fato de os professores não serem residentes da aldeia, então os horários são revezados.

As aulas de diálogo ocorrem diariamente e com tempo indeterminado. Quem as ministra é o Pajé, ex-cacique e hoje o membro mais velho da tribo. Considerado a pessoa de maior conhecimento entre todos eles, é o conselheiro-mor da aldeia, temido e respeitado pelos demais, orienta os mais jovens dialogando e aconselhando a medida que repassa os seus conhecimentos adiante.

O método das aulas ministradas na aldeia é apresentado da seguinte forma:

- as aulas de matemática, português, geografia e história são expositivas, de acordo com o tradicional método cartesiano, uma vez que quem as ministra são pessoas da cidade que se dispõem a desenvolvê-las;
- quanto às aulas que fazem parte da cultura Kamayura, estas têm o seu próprio método elaborado pelo povo indígena da aldeia;
- as aulas de História são explicações metafísicas e éticas de toda a realidade de vida do povo, mostrando lugares, remédios e tudo o que possa existir no mundo kamayura.

Os coordenadores responsáveis por essas aulas, ao entardecer, chamam as crianças e os adolescentes para se reunirem no pátio central da aldeia ao redor do contador. Os mitos são contados numa ordem cronológica, do surgimento de toda a vida, às mais antigas, as consideradas pelo contador mais recentes. O contador conta uma história por dia, interage, faz sonoplastia, teatraliza, canta, explica sobre a vida passada, sobre o uso dos costumes e tradições. Define toda razão de vida Kamayura. Ao acabar de

contar todas as histórias, começa a contar as mesmas na ordem cronológica ao inverso, com a intenção de demonstrar a coerência dos fatos.

As aulas de luta são consideradas de grande importância por trazer força física e prestígio às pessoas que a praticam. Só os membros de sexo masculino as praticam. Um grande lutador é culturalmente respeitado, tendendo a se casar com mulheres pertencentes a famílias de posições político-sociais importantes.

Nessas aulas, os jovens e as crianças se enfeitam (amarram o joelho, a canela e os braços com barbante, esquentam o corpo com óleo de pequi e/ou óleo de copaíba, se pintando com urucum).

No horário dessas aulas, que ocorrem à tarde, os jovens e crianças começam a se reunir no pátio central da aldeia junto ao professor. O professor os instrui a formar pares e começar a lutar. Enquanto lutam, o professor ensina “truques e jeitos” para os alunos conseguirem com facilidade ganhar a luta. Os pares lutam e descansam alternadamente até o horário da aula acabar.

As aulas de música se dividem em instrumentos musicais que são as flautas e as aulas de canto. As flautas são: Kurutai, Jakuí, Awirare e Wuruá. As músicas tocadas com Kurutai são feitas com três flautas, sendo duas bases e uma que sola. Tocá-la é importante porque prepara o tocador a aprender manejar a flauta Jakuí.

A flauta Jakuí é permitida somente aos olhos do sexo masculino e é considerada sagrada. Ela é usada para festas e rituais de cura. As músicas com a flauta Awirare são tocadas com quatro pedaços de bambu cortados em tamanhos diferentes. Awirare também é uma flauta usada para aprender a tocar outra, a flauta Wuruá.

A flauta Wuruá é usada no ritual do Kwaryp (ritual sagrado usado no luto da morte de um parente falecido, que dura do dia da morte até o dia escolhido, na época da seca, para despedida do espírito e finalização do luto).

Já as aulas de canto são praticadas só pelas

mulheres. Existem três tipos de música feminina: Jamurikumã, Tameà opap e lahaha. Cada música é repartida em várias outras músicas, que são cantadas em rituais específicos.

O cacique da tribo, Kotoque, justifica tal projeto afirmando que a aldeia, que hoje conta com uma média de trezentos e cinqüenta índios viventes, vem perdendo os seus hábitos cotidianos. Por exemplo, os rituais têm sido ridicularizados e ameaçados de extinção devido às leis do “não-índio”, que influenciam, principalmente, os mais jovens a trocar os hábitos naturais pelo consumo de supérfluos (FEATHERSTONE, 1995). Os valores comunitários têm sido enfraquecidos pela promoção do individualismo burguês em trabalhar, produzir e gerar consumo à auto-satisfação, o que acarreta a desintegração desta cultura remanescente em prol do produtivismo econômico (BOURDIEU, 1988).

Além disso, uma vez que têm se intensificado a convivência entre índios e “não-índios”, surge a necessidade de o indígena obter maiores informações a respeito dos costumes e hábitos do “não-indígena”, como por exemplo, a sua língua, a legislação, seus interesses materiais e sua cultura de maneira geral.

Então, com esse currículo escolar, espera-se resgatar o que foi perdido, preservar o que se tem e ganhar conhecimentos com as formas de suprir necessidades e de obter desenvolvimento quanto às trocas de bens materiais, artesanatos e serviços prestados à escola, conforme a cultura dita.

### **Projeto de Eco-turismo**

Dentro de toda a Reserva Nacional do Xingu, hoje há uma série de projetos ligados ao eco-turismo, sendo uma área que atrai pessoas do mundo inteiro interessadas em conhecer o modo de vida indígena, desfrutar da natureza que cerca aquele local e adquirir artesanatos fabricados pelos índios.

A tribo Kamayura tem um projeto que objetiva, também, atrair pessoas de fora e em troca

trazer recursos para os seus interesses. Os visitantes são supervisionados e atendidos de acordo com as normas acordadas. Uma vez que há supervisão, há maior controle da entrada e saída de pessoas aos índios, evitando, assim, que se danifique a mata ou altere os costumes vividos por este povo. Além disso, o dinheiro arrecadado com o programa propicia maiores condições para investir em recursos de infra-estrutura para a aldeia e para a escola.

O máximo de tempo que um visitante pode permanecer na aldeia é de um dia e uma noite. Quando permanece por um dia, paga quatrocentos e cinqüenta dólares pela estadia. Quando pernoita na aldeia, paga novecentos dólares. Além de ter que pagar por este valor, o visitante deve estar com o cartão de vacinação em dia; deve se comprometer a cumprir as normas estipuladas pelo cacique, como por exemplo, não levar nada que altere os costumes da aldeia, como dar doces, balas e biscoitos para as crianças; não pode sujar o ambiente, levando embora consigo todo o lixo que lá produziu enquanto permaneceu hospedado; deve respeitar as tradições não tendo envolvimento íntimo e/ou sexual com os nativos da tribo.

O dia do visitante começa com um café da manhã que é servido de acordo com os costumes do visitante. Depois a pessoa participa de passeios ecológicos, como a volta de barco pela lagoa com direito a pesca; “tour” de bicicleta dentro da mata e em seguida, ao retornar à aldeia, tem o corpo pintado e participa de rituais de dança. O almoço inclui peixe e outros alimentos como arroz e saladas, que não fazem parte do cardápio indígena, a não ser o peixe. À tarde a pessoa percorre a aldeia, participa de rituais de moyará e no final do dia retorna à cidade. Caso queira pernoitar pode escolher dormir em rede ou em colchão de ar em um quarto reservado aos turistas.

A visita que possibilitou este relato de experiência não fez parte do projeto de eco-turismo dos índios Kamayura, mas, sim, de um acordado entre a Antropóloga Sofia Pereira Madeira,

a Socióloga Simone de Loiola Ferreira e o cacique da aldeia, Kotoque, que permitiu a visita para fins de estudo e troca de conhecimentos.

### Considerações finais

Ao finalizar a visita, ficou a impressão de um ambiente que ainda consegue manter os costumes indígenas, visto que os hábitos naturais de obter alimentos e consumi-los, as tradições e crenças em rituais típicos da aldeia, a solidariedade entre as pessoas, a união de todos independente de idade são

preservados cotidianamente.

O projeto de educação desenvolvido por esses índios demonstra a preocupação que têm em relação às influências do contato com o “não-índio”, que por vezes tem provocado os mais jovens com os apelos consumistas e por outras tem representado uma oportunidade de desenvolvimento material para a perpetuação de seus costumes. Sendo assim, percebe-se a busca de conhecimentos sobre os outros, sem que percam de vista as suas próprias origens e referências naturais.

## Referências

- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. **A Reprodução**. Elementos para uma teoria do sistema de ensino. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de Consumo e Pós-Modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidade / População**: 2004. Disponível em: <http://www.ibge.gov>. Acesso em: 20/07/2007.
- LAPLANTINE, François. Introdução: o campo e a abordagem antropológica. In: **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 1988, pp. 13-33.
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: **Sociologia e Antropologia**, v. II. São Paulo: Epu/Edusp, 1974, pp. 37-184.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. De Mauss a Claude Lévi-Strauss. In: **Textos escolhidos**. Col. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1984, pp. 193-206.
- WIKIPÉDIA. A enciclopédia livre. **Canarana**. Disponível em <http://pt.wikipedia.org.br>. Acesso em: 20/07/2007.